

MARIÁTEGUI, POTENTADO DO PENSAMENTO MARXISTA

Gabriel KWAK

Não resta dúvida de que o socialista peruano José Carlos Mariátegui (1895-1930) foi uma das maiores cerebrações da historiografia internacional. Suas atuações como ensaísta, jornalista cultural, cronista, poeta, dramaturgo, professor das Universidades Populares Gonzalez Prada (UPGP) - ensinando a operários -, ativista político e fundador do Partido Socialista Peruano e da *Confederación General de los Trabajadores Del Peru* (CGTP) são as múltiplas faces de seu talento poliédrico.

Mariátegui nasceu em meio à grande efervescência nos círculos operários, com greves, organizações anarquistas etc. Logo, passou a freqüentar amiúde as confrarias literárias e se aproximou do poeta Abrahan Valdelomar. Exerceu intensa atividade jornalística, sempre contra os governos, o que lhe valeu perseguições políticas, prisões etc.

Foi reconhecido como o maior nome do pensamento marxista latino-americano. Empregava categorias de Marx para examinar a realidade da América Latina. Também seguia as pegadas do pensamento político de Lenine.

Tomaram-se célebres suas polêmicas com o revolucionário Haya de la Torre, ex-parceiro de jornadas políticas. Os dois divergiam quanto às táticas e estratégias revolucionárias mais acertadas. O contato de Mariátegui com a realidade européia (já que viveu de 1919 a 1923 entre França, Itália e Alemanha) constituiu um divisor de águas em sua vida.

A obra de Mariátegui traz subsídios valiosos para se repensar o conceito de nação, além de reunir argumentos substanciais em prol da

liberdade sindical. Faz-se respeitar, assim, como formulador de coordenadas para a organização da união das classes proletárias.

Também identificou em civilizações primitivas germes socializantes. “[Mariátegui] atribui grande importância às tradições coletivistas dos incas como elemento favorável ao desenvolvimento do comunismo entre as massas camponesas da região andina”, reconhece Michael Löwy, no livro *O Marxismo na América Latina*.

Como Mao Tsé-Tung, o sociólogo peruano acreditava na força do campo como ponta de lança de uma revolução proletária. Outro ponto nuclear de seu esforço teórico a problematização da questão indígena. Sua obra mais acatada, o clássico *Sete Ensaios de Interpretação da Realidade Peruana* (único livro do autor traduzido para o português) vai até as raízes desse problema.

Para Mariátegui, não existe pleito mais nacionalista e vanguardeiro no Peru do que a luta pela causa indigenista. Em seu país os contingentes indígenas eram nada menos do que 4/5 da população. Por isso, em artigo de jornal intitulado *Nacionalismo y vanguardismo en la ideologia política* (novembro de 1925), o autor chama atenção para os tempos pré-coloniais da História do Peru. Ao dizer que “o passadismo contenta-se, entre nós, com frágeis lembranças galantes do vice-reinado”, Mariátegui quer salientar que a “peruanidade” não tem na colonização espanhola seu ponto de partida.

Com essas felizes observações, o pensur peruano desconstrói o discurso nacionalista dos reacionários, que se reportavam a um passado falso que eles queriam ver restaurado. Ademais, Mariátegui considera que, nos povos política ou economicamente coloniais, socialismo e nacionalismo são corda e caçamba. Menciona como exemplo disso as lutas populares pró-independência na China, Turquia e Egito dos anos 20. Ou seja, países em que o movimento contra o modo de produção capitalista se confundiu com as agitações contra o imperialismo.

Por ocasião do segundo aniversário da revista mensal *Amauta*, por ele fundada em setembro de 1926, escreveu um editorial salientando uma vez mais a filiação da publicação às causas socialista e indigenista.

Nessa oportunidade, Mariátegui advogou a necessidade de uma redefinição do que se entende pelos termos “revolução” e “esquerda”.

Nesse editorial, o mestre peruano propugna uma sociedade socialista nos moldes indo-americanos, esconjurando um sistema socialista européia, fruto de uma mera importação. Nessa ordem de idéias, repeliu também o “reformismo”, bastante em voga na Europa desse período. Aliás, anos atrás, alhures, Rosa Luxemburgo marcou época ao se bater contra essa tendência.

Também reitera nesse texto seu compromisso histórico com o materialismo filosófico e com o empiricriticismo, ao recusar enxergar as contradições por uma lente por demais metafísica, ao repelir as “desventuras estéreis (...) de espíritos incapazes de aceitar e compreender a época”.

Seria bastante fecunda uma redescoberta do trabalho de Mariátegui, ou até mesmo uma descoberta, visto que o autor é pouco cultivado no Brasil. Até porque seus textos são claros, curtos e grossos, em linguagem jornalística, no lugar da linguagem monográfica, nem sempre atraente.